

O NOME "CUIABÁ"

por Pe. Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz

Baseando-se nos documentos existentes, o pioneiro do solo mato-grossense foi ALEIXO GARCIA.

Virgílio Corrêa, na sua História de Mato Grosso (pág. 125) diz: "Por um dos tributários ocidentais (do Paraná), possivelmente o Amambaí, mais tarde roteado pelos bandeirantes, alcançou o divisor das águas, além do qual rodou pelo Emboteteí até o rio Paraguai. Atravessou-o para marinhar pela morraria, mais tarde denominada Albuquerque. Vence a vasta planície, parte meridional de Chiquitos, entra no espaço aberto entre os rios Guapey e Pilcomaio, chega a Charcas onde recolhe grandes riquezas e volta ao Paraguai".

Considerando-se fora dos perigos é assassinado à noite, por uma conjuração, nascida dentro de sua própria comitiva no ano de 1526. Veio com a expedição de João Dias de Solis, morto pelos charruas em 1516.

Já o soldado português Antônio Rodrigues, que mais tarde veste o hábito jesuíta, diz que assistiu a fundação de Buenos Aires a mando do padre Manuel da Nóbrega e afirma: "Desta cidade, (antiga Lambaré, e desde 15 de agosto de 1537, Assunção) fomos mais adiante a conquistar terras e subimos mais acima 250 léguas e chegamos perto do Maranhão e das Amazonas. Chegamos aos Paraís, gente lavradora, muito amigos dos cristãos. Têm um principal a quem obedecem que em sua língua chamam Cameri. Não comem carne humana". (Leite, 1937, pág. 129).

Crê-se, portanto, que estes foram os primeiros a entrar pelo rio Cuiabá. O documento remonta ao ano de 1553, com data de 31 de maio.

Depois disso os bandeirantes palmilharam a região de Miranda, precisamente pelo rio Embotetef.

Nas margens do Paraguai dominavam os índios cavaleiros, os Guaicurús. Nas águas, os Paiaguás, depois que os Guatós foram dizimados pelos bandeirantes.

Em 1675 Manoel de Campos Bicudo passa pela região em busca da Serra dos Martírios e traz na expedição seu filho Antônio Pires de Campos, que volta em 1716 atacando os Coxiponés na barra do Coxipó e fazendo centenas de prisioneiros, levando-os acorrentados para a sua fazenda de Itaici em São Paulo...

São as primeiras notícias guardadas pela história.

No caminho encontra-se com Pacoal Moreira Cabral que, animado pelo exemplo do colega, pensa fazer o mesmo...

Início da Nova História

No livro, "Uma Linhagem Sul-Riograndense. Os Antunes Maciel", (de I.H. de Assumpção Santos, Rio, 1957, pág. 100) lê-se:

"Estava-se em 1718, sendo Governador de São Paulo o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida Portugal, quando chegou a notícia do descobrimento das *minas do Cuyabá*".

Continua o livro: "Estas palavras que são de Taques, transcrito por Silva Leme, mostram que nesse preciso momento – e não depois – descobriu-se o ouro lendário de Cuiabá, menos de onze gramas, então – até a cifra máxima de seis toneladas num só mês (ou seja 400 arrobas)" (6.000, seis mil quilos).

"Na barra do Coxipó-mirim deixaram as canoas e principiaram a varar por terra o sertão, obedecendo à trilha dos indígenas. As primeiras rancharias dos Aripoconés apareceram junto a um riacho que chamaram "rio do Peixe", pois ali encontraram em grande quantidade o pescado secando ao sol e pronto a servir de mantimento. Ultrapassadas aquelas, chegaram ao rio das "Motucas" (rio Botuca) e no desaguadouro desse tributário"... "sem os instrumentos de minerar e só com um prato de pau, no espaço de duas horas, se extrairam trez oitavas de ouro"... (10 Vol. 7 fls. 433 e seguintes).

"Encontrado o ouro no Motuca, prosseguiu o bando, para dar combate aos selvagens. Provavelmente julgaram mais seguro provocar desde logo a batalha inevitável e assim assegurar melhor a segurança dos trabalhos de mineração. Julgaram mal. Na madrugada do dia seguinte, atingindo os alojamentos dos Aripoconés, fizeram-nos abandonar o terreno depois de cinco de seus próprios homens tombarem mortos e catorze caírem feridos! Estava a bandeira reduzida a um número que tendia a se aproximar da metade, tratando-se de brancos, o que significava um insanável enfraquecimento após a primeira refrega. Pascoal não exitou em ordenar a retirada".

"Em ordem defensiva, carregando seus mortos e feridos nas redes de fibras, a bandeira voltou ao Arraial. Retorno providencial, pois o ouro estava às suas costas, nas margens mesmo do Coxipó-mirim!"

Sabe-se que a bandeira de Pascoal era composta de 55 homens brancos, afora os escravos e índios mansos, que poderiam totalizar cerca de 200 homens. E é a primeira vez na História do Brasil que uma bandeira foi derrotada pelos índios.

Aires de Casal no livro "Corografia Brasília" (fac-simile da edição de 1817, págs. 247 e 248) diz: "Ignoramos os nomes dos outros certanistas ou comandantes de Bandeiras, que visitaram o paiz à busca dos Índigenas athé o anno de mil setecentos e dezoito, quando Antonio Pires de Campos, também Paulista, subiu pelo rio Cuyabá em procura dos Índios Cuchipós, que tinham uma aldêa no sítio onde hoje está a Hermida de S. Gonsallo".

O lugar da aldeia é na barra do Coxipó com o Cuiabá, não muito longe de onde o coloca o historiador.

A Barra do Coxipó

A tradição bororo conserva a lembrança de uma antiga aldeia na foz do Coxipó chamada "Kujíbo Boróro". Essa aldeia era disputadíssima pelos diversos clãs da tribo. Outra tradição afirma que por esse motivo, há muito tempo, os membros de um clã mataram alguns de outro clã da mesma tribo, aí nesse lugar. Quanto ao rio Coxipó eles o chamavam de "Kujíbo Ekuréu", isto é: "o belo, o encantador Coxipó". Tradição que indica que, mesmo depois de se afastarem da região, conservavam dela uma saudosa lembrança.

Para quem não conhece, o Coxipó, após todos esses anos, com todas as chácaras que pululam às suas margens, derramando todas as impurezas no seu leito, é ainda de uma beleza sem igual.

Aí nessa barra é que havia uma numerosa aldeia aprisionada e incendiada por Antônio Pires.

Como será que Antônio Pires conseguiu aprisionar e escravizar os aguerridos bororos, que depois quase destruíram completamente a bandeira de Pascoal Moreira Cabral, se não tivesse recebido socorro da bandeira de Fernando Dias Falcão, "forte de 130 homens (brancos)"?

Como se sabe, são dois os Antonio Pires de Campos. Tauxay, na "História Geral das Bandeiras Paulistas", (11º Vol. pág. 226) diz: "Das maiores figuras do bandeirantismo foram certamente os dois ituanos..., pai e filho, ou o velho e o moço, alcunhado aquele o "Pay Pirá", ao que parece, não se sabendo bem se tal alcunha foi realmente sua ou do filho, ou a de ambos como parece muito provável e como se deu com os dois Anhanguera".

"Conta Barão Homem de Melo a respeito do primeiro que, senhor de grande fazenda de Itaicy, a uns 20 quilômetros de Itú, ali chegou a ter seiscentos índios "administrados" como no tempo hipocritamente se dizia em toda a América".

"Transcreve Carvalho Franco um trecho de Ayres Casal a tal propósito. "No meio do século passado (s.c. XVIII) vivia, entre Paranaíba e o Rio Grande, uma horda de bororos cujo cacique era então um paulista chamado Antonio Pires de Campos"...

"No dizer do nosso proto-corografo ali fora Antonio Pires refugiar-se por motivo de crimes que o havia levado a procurar a sociedade dos índios o que parece de todo ponto inexato..."

Como a História nos prova, tanto em relação aos espanhóis, portugueses, bandeirantes, como outros colonizadores, a traição era a arma por eles usada para com os aborígenes. Muitos "civilizados" dos primórdios da conquista da América, eram os homens mais cruéis e traiçoeiros que a História nos apresenta.

Taunay (Os Primeiros Anos de Goyaz, pág. 263) diz: "Haverá vinte anos que a este continente veio o defunto Coronel Antonio Pires de Campos, paulista, e tratando a esta nação debaixo de paz e amizade por alguns dias, no fim deles lhes deu de improviso na principal aldeia, não dando vida nem aos próprios inocentes de cujos gemidos ainda hoje soam os ecos nos ouvidos destes miseráveis, não podendo referir estas justas queixas sem que as lágrimas testemunhem a sua dor. Feito este estrago, apanhou muitos prisioneiros, que conduziu em correntes para seus cativos sendo o "língua" que trazemos um da dita presa".

Isto com os mansos índios Carajás (Carta de 2 de agosto de 1775 da Ilha do Bananal, ao Capitão General de Goyaz).

Não terá o pai feito o mesmo com os bororos?

Quanto aos bororos aceitarem um branco como cacique, eu atribuo ao convívio dos mesmos, levados cativos desde 1716, para a fazenda do pai.

Naturalmente com o primeiro ataque os bororos abandonaram a aldeia e subiram o Coxipó. Pascoal só encontrou ruínas. Seguindo por água até o Coxipó-mirim, onde abandonaram as canoas, sofrendo depois a fragorosa derrota.

A região dominada pelos bororos no atual território mato-grossense era muito grande. Essa conclusão foi tirada quando os técnicos do Museu D. Bosco, em 1960, resolveram fazer uma expedição ao lugar que os bororos das missões salesianas, chamavam de "CIBÁE E-IÁRI", um morro entre o rio Correntes e o rio Itiquira. Lá encontraram várias urnas funerárias da mesma tribo, justamente como eles afirmavam. "O ma-

terial arqueológico não deixa dúvida sobre sua procedência bororo. Os bororo, pelo menos 150 ou 200 anos faz, habitavam a 100 kms. ao norte da atual cidade de Coxim" (Enciclopédia Bororo, vol. I pág. 537).

Conclui a mesma Enciclopédia, que eles se estendiam numa vastíssima região, precisamente entre os paralelos 15 e 19 e os meridianos 51 e 57. Região que abrange Coxim, limita-se com Poconé, inclui Barra do Garças, penetrando várias léguas no território goiano, além da margem direita do rio Araguaia. Engloba portanto Cuiabá, Rondonópolis, Poxoréu, Guiratinga, Alto-Araguaia etc.

E foi em Cuiabá, com a chegada dos bandeirantes, que a tribo foi dividida em: "Bororos Ocidentais e Bororos Orientais", salvando-se somente os Orientais, graças aos missionários salesianos, os do sul desapareceram.

A Enciclopédia Bororo (vol. I pág. 516) diz: "Boróro - Pátio da aldeia, pátio das danças, pátio interdito às mulheres e às crianças; praça, aldeia, ato de executar alguma representação". E apresenta um elenco de 51 aldeias (boróro), espalhadas pelo norte do Estado. Dessas aldeias, (boróro), dez se achavam às margens do rio Vermelho, "Pogúbo", chegando até aos arredores de Rondonópolis. Às margens do rio São Lourenço "Pogúbo Ceréu" seis. Quatro às margens do rio da Prata "Tadári Umána". Três às margens do rio das Garças "Jakoréuge E-láo". Duas às margens do rio Areia "Okóge E-láo". Uma às margens do rio Araguaia "Oroaribo Kuriréu". Duas nos arredores de Guiratinga e duas nos arredores de Poxoréu. Nos arredores de Cuiabá tinham 8 (oito boróro). Eis o nome e localização das aldeias: "KUIJÍBO BORÓRO", no ribeirão Coxipó. Kujíbo é uma variedade de cardeal.

"TOROÁRI BORÓRO". Toróa, gavião-rí, morro. No morro de Santo Antônio.

"KADOGÚBO BORÓRO". Kádo, taquara-gú, abundância-bó, água. Córrego afluente do rio Cuiabá ao norte da cidade.

"TUBORÉRI BORÓRO". Tubóre, lambarís. Córrego "Tuborébo", afluente do rio Cuiabá.

"OKOGÉBO BORÓRO". Okóge, dourado. À margem do ribeirão Okogébo, afluente do rio Cuiabá, a montante da cidade.

"BARÚBO BORÓRO". Barúbo, lagoa dos campos. Nas proximidades de Cuiabá.

"CIBAÍBO BORÓRO". Cibái, araracanga. Córrego afluente da direita do rio Cuiabá, a montante da cidade.

"MERIRÍBO BORÓRO". Meríri, metal; bó, água – córrego do metal. Afluente do rio Cuiabá, a montante da cidade.

Vê-se que as aldeias não eram à margem do rio Cuiabá, mas às margens dos córregos, afluentes do rio, devido a pureza das águas.

Enciclopédia (pág. 541): "Devido circunstâncias especiais os obrigaram a mudar radicalmente seu sistema de inumação definitiva dos ossos; talvez o medo que continuassem as profanações de seus sepulcros, por parte de civilizados ávidos de adornos de ouro que os índios colocavam nas cestas funerárias".

Isso indica que eles apreciavam muito os enfeites de ouro. Por isso não lhes eram desconhecidas as pepitas que abundavam na região. Enciclopédia, pág. 611:

"IKUIÉBO – ikúie, estrela; bó, água (córrego das estrelas). Córrego afluente da esquerda do rio Cuiabá, na cidade homônima, comumente denominado córrego da Prainha. Essa denominação foi provavelmente originada pela abundância de pepitas de ouro no leito e nas margens do referido córrego (cfr. Taunay, 1949:9)".

Enciclopédia (pág. 614): **"IKUIÉRI"** – ikúie, estrela; rí. (morro das estrelas). Designação: 1. de uma elevação na margem esquerda do Ikuiébo, córrego da Prainha em Cuiabá. Esta denominação, provavelmente originou-se pela abundância de pepitas de ouro de que é rico o território de que se fala".

Pois foi aí no **"IKUIÉRI"** que se deu o seguinte fato (História de Mato Grosso, de Virgílio C. Filho, pág. 206): De sua roça, à beira de Cuiabá, não distante da Barra do Coxipó, despachara Miguel Sutil dois índios (carijós) à procura de mel. Tardaram até alta noite e ao tornarem ao rancho, admoestados pelo patrão, que lhes estranhara a demora, respondeu-lhe o mais ladino: "Vós viestes a buscar ouro ou a buscar mel?" E de-

positou-lhe na mão o que trazia, embrulhado em folhas de mato. Eram granetes de ouro, que pesavam 120 oitavas, (430,32 gr.) colhidos facilmente. Não havia mister de melhor argumento para desarmar a zanga de Sutil, que se apressou em verificar a narrativa dos seus serviçais. Pela madrugada, palmilharam a trilha apontada pelos guias. Em breve atingiram o sítio procurado, nas imediações da atual Igreja de N.S. do Rosário, "ainda todo coberto de mato serrado e grandiosos arvoredos"... "Maravilharam-se com a fartura aurífera". E pela tarde, de regresso ao abrigo, puderam avaliar a colheita maravilhosa, e Sutil com meia arroba de ouro, a maior parte dele cavado em seixos e o camarada João Francisco Barbado com duzentas oitavas, por ser só e não ter quem o ajudasse".

Era a "lavra do Sutil" considerada a maior mancha que se teria achado em todo o Brasil".

Apud Luís-Philippe: "Forquilha – O fundador e a Padroeira" (pág. 17), "Apontamentos históricos" de Manoel Eufrázio de Azevedo Marques (vol. II, pág. 73): Miguel Sutil "Natural de Sorocaba; foi o primeiro que por intermédio de dois índios carijós descobriu em 1721 a fértil mina de ouro"... Os anais do Senado e da Câmara registram o fato com data de outubro de 1722.

Aires de Casal (pág. 250) fala: "Sutil com um seu camarada europeu, chamado Joam Francisco, e por alcunha o "Barbado". "Esta aventura, noticiada ao outro dia no arraial da Forquilha, fez mudallo d'improviso para o lugar, e onde se calculou, que se tirara acima de quatrocentas arrobas daquele metal dentro n'um mez"...

A "História do Exército Brasileiro" (vol. I, pág. 347) diz: "A mesma autoridade cogitou em exterminar os Caiapós, que ameaçavam o caminho de Goiás para São Paulo. Da tarefa encarregou-se Antônio Pires de Campos, vindo de Cuiabá, com quinhentos bororos, fundando também as aldeias de Rio das Pedras, Santana e Lindoso". Isto em 1741, o que indica a existência ainda de muitos bororos em Cuiabá, pois além dos guerreiros devemos contar os velhos, as mulheres, os jovens e as crianças.

As tribos indígenas da região

Virgílio Corrêa F., (H. de MT, pág. 77): "Quando os bandeirantes penetraram no território mato-grossense, os agrupamentos indíge-

nas que se lhes depararam diferenciavam-se por centenas de tribos, muitas das quais desapareceram, sem deixar vestígios de suas características étnicas”.

Taunay em “Monções Cuyabanas do Século XVIII” (pág. 167) diz: “No Porrudos viviam os índios desse nome e mais os Guanás e Croayás mansos que a ninguém ofendiam. Às margens do Cuyabá Boróros e Parecis. Dos primeiros diz Abreu que insignes trilhadores “eram valerosos para com os demais gentios e humildes para com os brancos”.

O Pe. J. Moura no seu mimoso trabalho: “Diamantino” (pág. 2) diz: “Os índios Paresí não constituíram a causa da fundação de Diamantino, pois essa foi o ouro, mas merecem ser mencionados numa história: os Paresí foram o primeiro objetivo das bandeiras no sertão des-campado de Diamantino”.

O que indica que, nessa época, viviam mais para o norte.

Taunay, na obra já citada (pág. 44), fala do primeiro documento oficial de Gervásio Leite Rebelo que diz: “O caso é que vivia o Cuyabá cercado de várias nações gentias antropófagas que não deixavam aos portugueses alargar-se pelo centro do sertão”.

Até pouco tempo ainda existiam canibais: pelo ano de 1960 uma expedição surpreendeu uma aldeia dos beijos-de-pau, que fugiram para o mato, deixando ainda na fogueira os espetos com costelas humanas.

Quanto aos guanás, também citados como excelentes agricultores nos primórdios de Cuiabá, Virgílio C.F. na sua História já citada (pág. 95) diz da “participação no desenvolvimento de Mato Grosso, seja como auxiliar e construtivo, da classe dos guanás, agricultores, uma de cujas aldeias se mudou para as vizinhanças de Cuiabá, sem que desaparecessem de Albuquerque”. O que permite concluir que só aportaram em Cuiabá depois dos bandeirantes.

Quanto ao que fala nas páginas 77 e 78 do “gentio cuiabá” e dos “índios cuiabanos”, refere-se aos bororós.

O rio São Lourenço que eles chamavam de “Pogúbo Ceréu”

do nascente até sua entrada no pantanal, os bandeirantes o batizaram com o nome de "rio dos Porrudos", devido o primeiro encontro com os índios da região, que eram os bororos, que se banhavam protegendo o membro viril com uma taquara contra a agressividade das piranhas. Esse nome permaneceu por muitos anos.

Quanto a pretender que o nome "Cuiabá" seja "tupi-guarani", não vejo como.

Os bandeirantes foram motivados pela escravização dos índios e depois pelo ouro, mas qual o motivo dos tupis abandonarem a beleza do litoral para se internarem nas matas e chegar até Cuiabá?

Quanto aos guaranis do "Sul" sabemos que foi consequência do ataque dos bandeirantes paulistas às reduções dos jesuítas espanhóis, sendo o rio Paraguai o corredor natural, tendo como ponto central Assunção. Mas o que iria motivá-los a abandonar sua região riquíssima em caça e pesca, para provocar os guaicurús e como varar o pantanal e enfrentar os temíveis paiaguás e por que fazê-lo?

O tupi-guarani foi trazido pelos bandeirantes, mas depois que eles aportaram na região e o nome "Cuiabá" já existia.

A Guisa de Explicação

Antes de passarmos aos que pretendem explicar o significado do nome "cuiabá" convem esclarecer o seguinte:

A História não se inventa, não é um vôo da fantasia, uma modalidade de poesia, mas tem que seguir a trilha da realidade, o caminho percorrido pela verdade. Os contemporâneos podem alterar os acontecimentos, falsear a verdade, o que exige de um historiador sinceridade, descrição desapaixonada dos fatos, honestidade na apresentação do que verdadeiramente aconteceu.

Os que vêm depois necessitam de persistência nas pesquisas e sinceridade no seu relato. Não se pesquisa a História com opinião já formada. A procura do fato acontecido, deve ser feita sem preconceitos, sem interesse, sem paixões. "Acho que deve ser assim, é assim, e arrumo os fatos ou os invento, para provar que, é assim como eu penso".

A afirmação de um fato histórico só tem valor, quando acompanhada pelas fontes nas quais se baseia.

Os jesuítas foram aqueles que nos relataram quase tudo que temos sobre nossos primitivos habitantes, das terras banhadas pelo mar, tribos que se espalhavam pelos oito mil quilômetros do litoral brasileiro.

Com relação a Mato Grosso, poucos documentos possuímos, que falam dos índios bororos, mas podemos e devemos basear-nos nos trabalhos dos "salesianos", que vieram recolhendo dados sobre a tribo desde 05/06/1895.

O nome "CUIABÁ"

Afirma-se que "Von Martius", botânico alemão que chegou ao Brasil na comitiva da arquiduquesa Leopoldina (15/06/1817), para o seu casamento com D. Pedro I, durante três anos, juntamente com Spix, percorreu a Amazônia.

Declara que: "foi a existência à beira do rio de cabaceiras (árvores que produzem cabaças), das quais se fazem cuias, isto é vasilhas: "cuiá" mais "abá" criador - Cuiabá - "criador de vasilhas".

Relativamente às cuias ou às cabaças, seria muito mais lógico, como se deu em várias outras localidades homônimas, que o rio se chamasse "cabaçal", pois se fosse por causa das árvores, sabemos que elas produzem "cabaças" e não "cuias", obras de artesanato humano e não da natureza. Além disso, das cabaças se fazem muitas outras coisas. Tal transformação seria um dos mais raros fenômenos toponímicos da nossa história e literatura.

Segundo Aurélio de Holanda, a família das cucurbitáceas "Legenária Vulgaris" é originária da Índia e da Abissínia, e conforme Delta Larousse, da África, o que, se aceito, não daria tempo de se acharem já em Mato Grosso na época do seu descobrimento.

A nossa seria a "Cuieira" ou "Cuité", da família das bigoniáceas "Crescentia Cujete" das Américas.

Quanto à sua denominação em bororo, que, como já pro-

vamos, era a tribo da região, as pequenas são chamadas "pogíbo", usadas pela tribo como enfeite. As médias são denominadas "kabo", das quais se fazem especialmente os "bápo", maracás ou chocalhos, e as grandes, que seriam o nosso caso, das quais se fazem também cuias, são denominadas "powári", servidas pela mesma tribo para o fabrico dos "bári", instrumento musical de sopro. Nenhuma, portanto, nessa língua, se aproxima do nome "cua".

A outra afirmação é que, "em razão de muitos mortos em combate, os bororos chamaram ali de "gente caída", o que também não parece certo.

Prático como é o índio, especialmente o bororo, para ele existe homem "imédu" ou "iparédu", e mulher - "arédu" e não "gente". Quanto ao verbo "cair", que no seu vocabulário é "fazer cair", dizem "bútu", o que afasta também a suposta teoria.

A estória da "dona" ou do "índio", que estava lidando com a cuia e as águas a carregaram, e não podendo ou não querendo reavê-la, teria dito "cua vá" é demais forçada para não ridicularizá-la. Além disso, quando os bandeirantes chegaram o nome já existia, mas não como nome da cidade e sim do rio. A tribo dominante era a bororo, o que exclui também que cuiabá seria o nome da tribo da região.

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - 1988 - Tomos CXXIX - CXXX foi publicado um artigo: "O NOME CUIABÁ CORRESPONDE A PANTANAL MATO-GROSSENSE" do confrade Pedro Rocha Jucá.

Não a título de polêmica, mas de esclarecimento, sou obrigado a divergir de alguns pontos do seu substancial trabalho, fruto de longas pesquisas. Como o seu artigo é sobre o nome em questão, se eu me omitir, estarei concordando com alguns pontos importantíssimos do nome "Cuiabá", que é o que procuramos esclarecer.

Página 9: "Os índios Bororos se auto-denominavam de 'Bóe' e chamavam a região de Cuiabá de 'Bororo'".

Realmente os bororos eram "bóe", mas como o erudito autor declara em seu artigo: "bororo" significa pátio, aldeia. Como já pro-

vamos no presente artigo, os bororos tiveram 8 (oito) aldeias, (bororo), na região de Cuiabá, e 51 (cinquenta e uma) aldeias, (bororo), em todo Mato Grosso. Nada tem a ver "bororo", aldeia, com a região de Cuiabá.

Na página 10: "O nome de Cuiabá seria Índio do Pantanal – Por isso, dificilmente será superada a presente hipótese quanto à *origem do nome cuiabá, que nunca poderia ter vindo do rio Cuiabá, cujo primeiro nome era Ibiraty (Ibira, madeira, e Ty, líquida, pela quantidade de madeira que ia nas enxurradas, como até hoje acontece)*".

Eis uma afirmação que eu desconhecia. Ao que me consta, citando somente os dois nossos maiores historiadores AFFONSO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY e VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, o primeiro nas 539 páginas do undécimo volume da "História Geral das Bandeiras Paulistas": "Os Primeiros Anos de Goyaz" e "Monções Cuyabanas do Século XVIII", chama o rio Cuiabá de "RIO CUYABÁ", e o segundo, nas 741 páginas de sua "História de Mato Grosso", não apresenta nenhuma vez o nome "Ibiraty" mas em todas as citações "RIO CUIABÁ" e na "CARTA COROGRÁFICA", "demonstrativa da viagem do primeiro Capitão-General de Mato Grosso D. ANTONIO ROLIM DE MOURA" (cópia resumida da CARTA COROGRÁFICA de 1754), entre as páginas 312 e 313 da mesma História de Mato Grosso, cita os rios: Tieté, Paraná, Pardo, Camapuã, Taquari, Paraguai, Porrudos e CUIABÁ. Não menciona o rio Coxim.

Seria interessante ao articulista, que se fez esta declaração deve de estar bem alicerçado, indicar o nome da "obra e do autor", que prova que o rio Cuiabá não se chamava Cuiabá mas Ibiraty ?

Quanto aos historiadores, vejamos:

Convém lembrar que em 1675 Manoel de Campos Bicudo subiu o *rio Cuiabá* com seu filho Antônio Pires de Campos, em procura da encantada "Serra dos Martírios" e seu filho, 41 anos depois, veio atacar a aldeia que conheceu como criança.

O livro: "Uma Linhagem Sul-Riograndense". "Os Antunes Maciel", de I. H. de Assumpção Santos, Rio, 1957, pág. 99, declara: "Corria o ano de 1716. Seguindo até certo ponto as pegadas de Antônio Pires de Campos, a expedição atingiu afinal o *RIO CUIABÁ*, afluente do Paraguai" ...

Isto prova que já em 1716 o nome do rio era CUIABÁ, e tão importante que colocaram como afluente do Paraguai, quando ele era, então, afluente do S. Lourenço, que no início deste século, precisamente em 1909, mudou de leito, entrando no Perigara, que os Bororos chamavam também Tarigára, no lugar que eles denominavam "Furo do Tarigára", a 60 kms da atual foz do Perigara no Cuiabá (ver Enciclopédia Bororo, vol. I, pág. 868).

Taunay, na página 16 das Monções Cuyabanas, já citadas, diz: "O de Itú já desde 1600 existia ... Sorocaba, por volta de 1650. Na demonstração dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuyabá e Província de Cochiponé, velho documento inédito que Capistrano de Abreu nos fez imprimir".

O que dá para concluir que o nome "RIO CUIABÁ", já era conhecido mesmo antes do ano de 1700.

O artigo em pauta, na página 11 diz:

"Somente no dia primeiro de janeiro de 1727, quando o Arraial do Senhor Bom Jesus foi elevado à categoria de Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá é que o nome Cuiabá aparece oficialmente pela primeira vez".

Responde a História de Mato Grosso de Virgílio Corrêa Filho, pág. 200:

"Aos oito dias do mês de abril de mil setecentos e dezenove anos, neste "ARRAIAL DO CUIABA" fez junta o Capitão-mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros" ... etc.

O documento é assinado por 22 pessoas. Será que um documento de fundação de uma cidade, não é documento oficial? E note-se que as "minas do Sutil" ainda não tinham sido descobertas.

Relativamente ao mesmo artigo, na mesma página 11:

"Na carta que Pascoal Moreira Cabral mandou a D. João VI, no dia 15 de julho de 1722, pedindo como compensação para as suas grandes perdas, a sua nomeação para capitão-mor e guarda-mor, ele se

refere, como local do seu endereço as *Minas do Cuxipó* (com u mesmo), e não as "*Minas do Cuiabá*", ...

Respondemos com Taunay, pela página 43 das citadas "*Monções Cuyabanas*":

"Relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de S. Paulo para as "*MINAS DO CUYABÁ*" o Exmo. Sr. Rodrigo Cesar de Menezes, Governador e Capitão-General da Capitania de S. Paulo e suas Minas ..."

Essa Relação da viagem diz (mesma página):

"A 14 de novembro (1726) chegou o General à roça do recém falecido *Guarda-mor das MINAS DO CUYABÁ* e seu descobridor *Pascoal Moreira Cabral*".

O documento, datado de 1º de fevereiro de 1727, é assinado por Gervásio Leite Rebelo, secretário de S. Exa. Governador de S. Paulo.

Na mesma obra Taunay, na pág. 7, diz:

"Surge em 1719 a notícia do encontro do segundo "*El-Dourado*", por Pascoal Moreira Cabral e seus companheiros ilustres. As novas da "*fertilidade*" das "*MINAS DO CUYABÁ*" alucinam as populações. Terra do ouro onde tão vil é o metal que os descobridores a passari-nhar, atiram com grãos amarelos, para poupar chumbo ! As notícias aos mais calmos estarrecem".

Mesma obra e mesmo autor, pág. 30:

"Descoberto o ouro cuyabano, fundado e mantido – verdadeiro prodígio de dispêndio de energia, coragem, tenacidade e espírito de sacrifício – o arraial e a Vila Real do *Senhor Bom Jesus do Cuyabá*, começa realmente a surgir a literatura monçoneira, sob forma das narrativas dessas espantosas viagens em que – Senhor ! Apostrofava um de tais viandantes ao Rei Dom José I, os vassallos da conquista da América, em nada ficam a dever aos da conquista do Oriente".

(Idem, ibidem, pág. 8): Continuam, Tieté abaixo, as navegações instigadas pela fama das "*grandezas do Cuyaba*".

(Idem, ibidem, pág. 25): "Notícias que dá ao R. P. Diogo Soares o Capitão João Antonio Cabral Camelo sobre a viagem que fez às *MINAS DO CUYABÁ* no ano de 1727".

(Idem, ibidem) "Roteiro Verdadeiro das *MINAS DO CUYABÁ* e de todas as suas marchas" ...

(Mesmo autor e obra, pág. 26): "Divertimento admirável para os historiadores observarem as máquinas do Mundo reconhecidas nos sertões de navegações das *MINAS DO CUYABÁ* e Mato Grosso por Manuel Cardoso de Abreu (1783)".

Do livro "Uma Linhagem Sul-Riograndense", pág. 100):

"Não obstante, Silva Leme engana-se quando aponta João Antunes Maciel, além de Antônio, companheiros ... no descobrimento das *MINAS DO CUYABÁ* em 1718", pois João, tudo leva a crer, chegou *AO CUYABÁ* talvez após os Lemes, em época próxima ou no ano 1720 (28, fl. 30). Ele era Capitão-mor de Sorocaba".

(Idem, ibidem, pág. 101): "A 6 de novembro de 1720, o ar-raial cheio com a chegada dos Lemes e vários outros, lavra-se novo termo, assinado pelos mesmos Lemes, além de Antonio Antunes Maciel que assim começa:

"Termo que fizeram os primeiros exploradores que se acharam nas *MINAS DO CUYABÁ*. Hoje 6 de novembro de 1720 ... etc. (10, vol. 7, fl. 434)"

(Como se sabe o descobridor foi Pascoal Moreira, mas os Lemes fizeram outro "Termo" como descobridores, pretendendo usurpar os direitos à mercê e posto, conferidos a Pascoal Moreira Cabral. Usamos a citação para provar que sempre foi usada a expressão: *MINAS DO CUYABÁ*).

Na página 15 do mesmo autor: "Explicar, por exemplo, como entre os topônimos bororos de Mato Grosso aparece um "piquery" nitidamente tupi, região que comumente não foi habitada pelas tribos que viviam apenas na costa litorânea."

Pikiri em bororo significa "pequenez" e eles tinham o "Pikiri Rógo" (pequeno morro bonito), à margem do rio Vermelho. Como se sabe os bororos não possuem palavra com acento na última, nem na antepenúltima sílabas, isto é, seus vocábulos são todos paroxítonos ou graves.

Na página 18 do artigo diz: "A meu ver, está definitivamente assentada a filiação étnica dos nossos Bororos, que nada têm de comum com os Tupis, como parecem acreditar os *"ingênuos Salesianos"*.

Eis, infelizmente, uma afirmação muito infeliz; certamente o erudito autor desconhece o magnífico trabalho salesiano, a "ENCICLOPÉDIA BORORO", já no seu quarto volume, cujos autores foram aplaudidos, em pé, por cinco minutos, na Universidade de Milão. E um dos grandes antropólogos mexicanos disse, que duas coisas o impressionaram na sua visita ao Brasil: o Pantanal e a Enciclopédia Bororo. Essa obra monumental teve o seu início aos 05/06/1895, data do primeiro contato dos salesianos com a tribo. Nessa data começaram a recolher dados. A redação final ficou a cargo do Pe. César Albisetti, que chegou ao Brasil em 1914, sendo enviado à Colônia Imaculada Conceição. Viveu 63 anos entre os bororos, conhecia inclusive a sua linguagem por assobio". Faleceu aos 28/12/72 com 89 anos de idade. Colaborado pelo antropólogo Pe. Angelo Jayme Venturelli, membro do nosso Instituto Histórico Mato-grossense, que revestiu a Enciclopédia com um impecável vernáculo e que continua, com rara dedicação e competência, o preparo do 4º volume da monumental obra. Colaboraram na mesma vários salesianos, etnólogos, cientistas, políglotas, arqueólogos, antropólogos durante mais de setenta anos. E o que é mais importante, contou com a colaboração de seis bororos, quatro caciques, um feiticeiro e principalmente "Tiago Aipoboréu" que, além do bororo, falava corretamente o português, e com muita perfeição o italiano e o francês. Esta colaboração dos próprios índios aumenta o valor e a credibilidade da Enciclopédia.

Na página 4 do I vol. desta Enciclopédia, lê-se:

"Todas as formas desta língua foram minuciosamente analisadas, sua estrutura foi submetida ao crivo do mais rigoroso método, foram descobertos todos os seus elementos significativos, foi fixada a sua etimologia, foi devassado o segredo de *uma das línguas mais arcaicas ainda vivas*. A língua bororo forma um grupo lingüístico isolado ao qual empresta o seu nome. Créqui-Monfort e Rivet consideram o bororo como

um dialeto otuké, mas, talvez, pela perfeição de sua estrutura seja mais razoável subordinar-lhe o otuké e outras línguas."

Há dois anos faleceu no Rio Negro o *salesiano* Pe. *Alcionílio Bruzzi*, considerado como um dos maiores antropólogos contemporâneos, que além de várias obras sobre os índios tucanos, deixou-nos o preciosíssimo vocabulário triglota, escrito em tucano, português e inglês.

Lembro que entre os Patronos da Academia Mato-grossense de Letras, está o *salesiano* Padre *Amindo de Oliveira* e o maior expoente de nossa literatura e de nossa Academia de Letras, o único mato-grossense que até agora ocupou a Academia Brasileira de Letras, é o grande *salesiano* D. *Francisco de Aquino Corrêa*.

Se a heróica nação bororo ainda existe, deve aos salesianos que a pacificaram e defenderam. Nos cemitérios das nossas missões des-cansam, os salesianos e as não menos *heróicas irmãs salesianas*, ao lado dos índios, aos quais dedicaram a sua existência e sacrificaram suas comodidades e suas vidas.

Na página 23 do artigo: "Está provado, em várias obras, que os bandeirantes falavam o guarani e disseminaram esta língua pelo Sul e pelo Centro-Oeste".

Realmente, mas quando os bandeirantes chegaram a Mato Grosso Norte, os nomes das regiões já existiam e nada tinha nem com o guarani e muito menos com o tupi. E não era porque eles falavam o tupi e guarani, que os nomes já existentes, iriam sofrer qualquer influência, ou alteração.

Página 10: "Por isso dificilmente será superada a presente hipótese quanto à origem do nome *Cuiabá*, que nunca poderia ter vindo do rio *Cuiabá*".

Pergunto: se o nome *cuiabá* não veio do rio *Cuiabá*, de onde então ele saiu? Além disso, contraria os historiadores e a própria História.

No documento oficial assinado por Gervásio Leite Rebelo de 1º de fevereiro de 1727 (cf. Taunay, pág. 44).

"Está este Arrayal do Senhor Bom Jesus, que assim se chama a Povoação principal destas minas, distante meya legoa, pouco

menos, do *Porto Geral do Rio Cuyabá*". Nesse dia 1º de janeiro de 1727 é que a Vila Real recebeu o nome, que por tradição usava, do "*Senhor Bom Jesus do Cuyabá*".

Portanto foi o rio que deu o nome à cidade e não o contrário. Assim afirmam os maiores historiadores:

Aires de Casal, *Corografia Brasilica*, T. I. (pág. 295): "*Cuyabá*". – *Esta província, à qual deu o nome o rio, que a atravessa de Norte a Sul ...*

Na página 299 do mesmo: "*Villa-Real de Cuyabá, Capital da Comarca ... está situada junto a'hum ribeiro, obra d'huma milha arredada da margem oriental do rio, que lhe dá o nome*" ...

Luís d'Alincourt, também português em "*Memórias sobre viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*", falando sobre o rio Cuiabá diz: "*desde a sua barra no S. Lourenço até o Porto Geral da cidade a que deu o nome*" ...

Apud Rubens de Mendonça: *História da Literatura Mato-Grossense*, pág. 21.

Francis de la Porte, conde de Castelnou ou Francisco de Castelnou, na sua viagem que fez à América do Sul, inclusive o Brasil entre 1843 e 1847, visitando Cuiabá, cuja descrição faz em sua obra "*Expedição às Regiões Centrais da América do Sul*" traduzida por Oliveira Pinto, editada em 1949 diz: "*A cidade está construída no vale do rio que lhe deu o nome.*"

Apud Rubens de Mendonça: *História da Literatura Mato-Grossense*, pág. 27.

Interessante é notar que os autores nacionais não fizeram questão de dizer, que o rio deu o nome à cidade, por ser tão claro, que julgaram desnecessário.

Já não se deu o mesmo com Aires Casal que dedicou a obra a "*Sua Magestade Fidelíssima*" e que portanto, desconhecia o assunto e lugares.

Luís d'Alincourt, também português, escreveu aos seus patrícios.

Francis Castelnou escreveu em francês para os franceses. Estes os motivos da explicação necessária aos estrangeiros.

Como declaramos estas nossas explicações não têm intuito nem de crítica e muito menos de polêmica, são somente com a finalidade de orientar o leitor.

O rio Coxipó

O Coxipó, mesmo após mais de 200 anos é um rio maravilhoso e ninguém, podendo habitar às suas margens, irá escolher outro lugar, mesmo às margens do Cuiabá, cujas águas, principalmente naqueles tempos, estariam longe de competir com as cristalinas águas do Coxipó, cujo leito, coberto de areia e cascalho, como ainda vemos nos dias de hoje, são uma tentação a quem o visita.

Já lembramos que o lugar era conhecido e disputadíssimo pelos diversos clãs da mesma tribo, havendo até combate e matanças, para disputar a posse do mesmo. Isto é de grande importância para reforçar a nossa tese.

O rio é um dos mais lindos que se possa imaginar, desde o seu nascente até a foz, é enriquecido por maravilhosas cachoeiras, como o "Véu de Noiva", com mais de 80 metros de altura, além de várias outras, cada qual mais maravilhosa. Em várias voltas apresenta-se como um verdadeiro reino encantado, como na antiga "fábrica de pólvora", no "Coxipó do Ouro" e outros belíssimos lugares, que é preciso ver para acreditar.

Era riquíssimo em peixes de escama, pois o peixe liso, que é mais moroso, prefere as águas turvas.

Em 1935, num passeio dos internos do Colégio São Gonçalo, na chácara dos salesianos, atual Patronato Santo Antônio, com uma bomba, matamos 150 corimbatás, e não era cardume pois juntamente havia muitas piraputangas, um dourado e vários outros peixes de escama. Naquele tempo era muito maior o seu volume de água e não deixava de apresentar perigo, por causa da variação da profundidade do leito, criando

do dia para a noite, após uma chuva, poços muito traiçoeiros. Quantas crianças e adultos perderam a vida no meio daquelas águas cristalinas. Os salesianos perderam um clérigo e um sacerdote afogados nas suas águas. Quando represado torna-se muito perigoso, pois além de subir muitos metros conforme o nível do Cuiabá, torna-se tão barrento que não se enxerga a 20 centímetros de profundidade.

Pergunto: como é que os bororos, que deram o nome a todos os rios da sua região, como já vimos, não iriam dar o nome ao rio em cujas margens possuíam 8 (oito) aldeias (bororo) ?

Como é que o nome de todos os rios da região eram bororos e só o Cuiabá é que é "tupi-guarani" ?

Como já vimos, a Prainha era o córrego das estrelas, "Ikuiébo", o morro do Rosário, era o morro das estrelas, "Ikuiéri" o Coxipó, o encantador Coxipó, "Kujíbo Ekuréu", o morro de Santo Antônio, morro do gavião, "Toroári". À barra do Coxipó, onde tinham uma das maiores aldeias, disputadíssima, eles não iriam dar-lhe um nome ?

E como vimos pela Enciclopédia, a língua bororo nada tem de comum nem com o guarani e muito menos com o tupi.

De onde então veio o nome "cuiabá" ?

Voltemos à Enciclopédia Bororo (vol. I, pág. 610).

"IKUIAPÁ", ikúia, flecha-arpão – pá, lugar. Designação:

1 – de uma localidade onde se pesca com a flecha-arpão.

2 – uma localidade onde antigamente os bororo costumavam pescar com a flecha-arpão correspondente à foz do IKUIÉBO, córrego da Prainha, afl. da esq. do rio Cuiabá, na cidade homônima./Julgamos que o nome da Capital de Mato Grosso, Cuiabá, justamente edificada nas duas margens do cór. da Prainha, não seja outra coisa que a corrupção e a sonorização de IKUIAPÁ".

Concordamos perfeitamente com os eruditos autores da Enciclopédia, somente discordamos do lugar, pelos seguintes motivos:

O primeiro documento, assinado pelo secretário de Rodrigo Cesar de Menezes, Governador de São Paulo, com data de 1º de fevereiro de 1727, Gervásio Leite Rebelo diz: "Corre toda a povoação do Sul para o Norte em planície que faz queda para um riacho *que seca no verão*".

Se a Prainha em 1727 já secava durante o verão, não seria a sua foz com o Cuiabá, o lugar propício, para a pesca com a flecha-arpão.

Quando estive pela primeira vez em Cuiabá, em 1935, ainda havia alguns poços perto da foz, onde os garotos tomavam banho, mas a foz, que era larga, estava sempre coberta de areia, o que a tornava muito rasa, impedindo qualquer espécie de pescaria.

Como vimos, a aldeia dos bororos, muito numerosa, disputadíssima por eles, conservada pela tribo como saudosa lembrança, atacada e incendiada por Antônio Pires de Campos em 1716, estava situada na foz do Coxipó.

O que é a flecha-arpão ? (Enciclopédia, vol. I, pág. 945).

"Seu corpo é feito de TUGORIWO, cana de vassoura. Na extremidade oposta à das asas há uma ponta de madeira dura, com farpa de osso, enxertada na taquarinha, mas não presa à ela, de tal modo que pode livremente sair. Da ponta da madeira parte um fino cordel que, se enrola no corpo da flecha. Ao ser atirada e ao atingir um peixe, a ponta com a farpa finca-se na presa, que, fugindo a arrasta consigo, enquanto o caniço fica à tona amarrado no cordel que, desenrolando-se, acompanha a ponta. O pescador atirando-se à água, pode agarrar a parte da flecha que está boiando, com hábeis manobras, apoderar-se do peixe".

Por esta descrição, somente em lugar profundo é que é possível a pesca com a flecha-arpão. Ora, num córrego raso e que secava durante o verão, essa manobra é impossível. Já na foz do Coxipó, até hoje o lugar é bastante profundo.

Veja-se que a descrição está de perfeito acordo com a declaração do professor Francisco da Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo que, a respeito dos topônimos dos nossos índios, diz: "São eles sempre descritivos, pois os indígenas eram de fina observação, incluindo no nome do lugar as características desse lugar".

Concluindo o nome é bororo pois os bororos é que dominavam a região, como acabamos de ver. A língua bororo nada tem nem de tupi nem de guarani. Se o Governador de São Paulo levou 123 (cento e vinte e três) dias de São Paulo até Cuiabá e foi considerada a viagem mais rápida, como teriam chegado os guaranis e muito menos os tupis até Cuiabá, que não tinha nada para atraí-los antes dos bandeirantes ?

Esta é a nossa opinião, que, como qualquer outra, não tem caráter de infalibilidade.

• • •

MINHA AVÓ CODÓ

por Maria de Lourdes da Silva Ramos

“És a lua de ontem
minha avó.

Ausente à vista, certa na memória;
tranquila na lembrança
como o pão e a roupa
os livros que me deste”.

Péricles E. da Silva Ramos

Ao mudarmos para São Paulo, ao separarmos de vovó, mamãe sofrera muito: das filhas talvez a mais próxima, unidas por várias afinidades. Conheci também, como sua primeira neta – alvo de muito de seu amor –, tristeza enorme ao deixá-la.

Tanto significou vovó para mim, que neste momento, que desejo dela contar, o pensamento se embaralha, as emoções se confundem e eu me perco receando que à memória aflorem recordações pueris, não exprimindo realmente o que gostaria dela contar. Não sabendo se de sua espiritualidade, de sua força, ou apenas de seu carinho de amiga, mãe, avó. Avó que soube transmitir ensinamentos que me valeram para sempre. Avó amiga, que comigo conversava, sentadas na rede, como se eu fosse adulta, ou da avó que presenteava a criança com encantados brinquedos, não só adquiridos em Cuiabá, como os que trouxera do Rio de Janeiro. Entre eles um serviço de jantar de louça com terrina e tampa, pratos e travessas, onde a maior delas era do tamanho da menor que te-